



CEYLÃO—PALACIO DE KANDY.

O mais vasto e formoso monumento da ilha de Ceylão, de tão gloriosas recordações para os portuguezes, é o palacio de Kandy, residencia real. Este palacio, representado na nossa gravura, occupa uma área consideravel: a fachada não tem menos de trescentos metros de desenvolvimento, e é de um gosto singelo e nobre.

Está voltada para os principaes templos, e cercada de um largo fosso. As muralhas que rodeiam o edificio apresentam differentes cavidades triangulares, onde se collocavam fochos, quando se pretendia illuminal-o. Em uma das extremidades ha um pavilhão hexagonal de dous andares, chamado Pateripossa, no qual o rei, nas occasiões solemnes, apparece ao povo reunido no pateo. Na outra extremidade do palacio é que ficam situados os aposentos das mulheres, sendo na sua fachada representados o sol, a lua e as estrellas em baixo-relevos; por occasião de festejos publicos, o monarcha e suas mulheres vão ali vèr passar as procissões. O espaço intermediario é occupado pelo Dalada-Malegawa, e pelo grande vestibulo do palacio. Entra-se n'elle passando uma ponte levadiça lançada sobre o fosso, e uma arcada de abobada, com alguns degraus. Depois passa-se segunda arcada, e entra-se na sala da audiencia, que das suas decorações apenas conserva as pilastras de carvalho esculpido, que sustentam o tecto. As outras partes e quartos do palacio nada têm de notavel, e acham-se em grande ruina. Entretanto, ainda hoje o palacio de Kandy é, pelo seu estylo architectonico, obra digna de fixar a attenção do viajante instruido.

Muitas outras curiosidades, assim naturaes, como de arte, se encontram n'esta famosa ilha, das quaes nos reservámos dar conta em ultteriores artigos.

ESTADISTAS PORTUGUEZES.

DIOGO DE MENDONÇA CÔRTE REAL.

(1658—1736).

VII.

Este procedimento nobre e habil, grangeou-lhe a confiança do monarcha, e o respeito dos proprios que na occasião se feriam d'elle. O agente Viganego, informador do gabinete de Versalhes em Lisboa, antes da chegada do ministro, o abbade Mornay, querendo descrever a nossa côrte, e os interesses reciprocos que a paz com a França poderia crear, retrata differentes pessoas notaveis, taes como o cardeal da Cunha, os duques de Cadaval, os condes de Castello Melhor e Aveiro, e os marquezes de Fronteira, das Minas e de Alegrete. Chegando a Diogo de Mendonça, acrescenta, que sendo com elle que os embaixadores tinham mais relações, era bom saber-se, que não se mostrava inclinado á França. Que fóra enviado na Hollanda, e depois em Hespanha, e que tinha sido confidente dos maus intentos e correspondencias dos catalães. Eis o grave crime que lhe imputa! Ministro de um soberano, empenhado na alliança ajustada contra a ambição da casa de Bourbon, quereria talvez o agente de França, que Diogo de Mendonça hostilizasse ou repellisse os povos da Catalunha, sublevados contra o mesmo dominio que as armas portuguezas combatiam! Mas apesar da paixão que lhe inspiravam estas phrases aggressivas, Viganego era o primeiro a confessar, que o secretario de estado possuia dotes e prendas pouco vulgares, mesmo em individuos collocados em igual cathegoria. Escrevendo para o seu governo em 16 de janeiro de 1714 afir-

ma de Córte Real, que era homem douto e versado em negocios, fallando com facilidade diversas linguas, muy entendido em assumptos politicos, e em extremo cortez e affavel nas maneiras. Ajunta que o accusavam de pouco seguro de palavra, e de muito vagaroso em tudo, por isso que perdia o tempo em divertimentos. Diz que el-rei D. João V o estimava e se acostumára com elle, e que o confessor e Mendo de Foyos tinham sido os auctores da sua elevação.

O abbade Mornay explica-se por outros termos quasi no mesmo sentido. Em officio de 13 de agosto de 1715 communica á sua córte «que Diogo de Mendonça assegurava, que o rei Luiz XIV pouca ou nenhuma contemplação tinha para com os alliados, desamparando-os apenas deixavam de ser uteis.»

Era apreciar com finura e em um só rasgo o pensamento, que dominou sempre a politica do principe francez. Para elle a gloria do seu nome e a ambição da sua casa significavam tudo. Queria instrumentos e não amigos; e apenas cessavam de lhe servir, ou se quebravam, largava-os com indifferença depois de os ter sacrificado!

O exemplo dos outros advertiu o nosso ministro; e conservando relações pacificas, e benevolo accôrdo com a França, escusou-se como prudente de a seguir ou de a coadjuvar nas empresas, em que ella desejou por varias vezes que Portugal entrasse, accnando-lhe com promessas, ou procurando deslumbral-o com vantagens apparentes.

Quando falleceu Diogo de Mendonça, mr. de Montagnãe, consul de França em Lisboa, participando o successo á sua córte, acrescentou: «O rei de Portugal perde muito n'elle; porque não ha no paiz quem possa substituir dignamente a sua falta; razão por que devemos esperar graves mudanças no governo.»

O auctor de uma curiosa Relação sobre o estado de Portugal, redigida no anno de 1723, tratando de Córte Real diz o seguinte: «É pessoa de engenho espirituoso, subtil e delicado; o trato ameno, a eloquencia insinuante realçam-lhe os outros dotes. Homem de bem, agradavel para todos e muito entendido, merece a plena confiança com que seu amo o preza.»

Este conceito, que soube grangear entre estrangeiros, que poucos motivos tinham para lhe serem affectos, conservou-o sempre na sua patria até que exhalou o ultimo suspiro. Embora os invejosos e inimigos lhe exaggerassem os defeitos, sobravam as qualidades relevantes para abonar os seus talentos, provados em lances arriscados, e em complicadissimos embarços.

A carreira de Diogo de Mendonça foi longa, pacifica e ditosa. Honrado com a amizade de dous monarchas, deveu á paixão de Pedro II pela poesia os rapidos augmentos com que se elevou, assim como se póde attribuir ao ciume das prerogativas reaes e á sua aptidão e firmeza diplomatica o favor insigne com que el-rei D. João V o distinguiu.

Em outubro de 1718 desposou-se com D. Thereza de Bourbon, viuva de Alvaro da Silveira de Albuquerque, coronel do regimento de Cascaes, e governador da provincia do Rio de Janeiro, senhora de sangue nobre, e unida por seus paes ás duas casas illustres dos condes de Avintes e dos Arcos.

Celebraram-se as vodas com applauso da córte e manifesto agrado do soberano, sendo abençoadas quatro annos depois com o nascimento de uma filha, D. Joaquina de Bourbon, baptisada com grande pompa pelo patriárcha D. Thomaz de Almeida, assistido de muitos fidalgos e cortezãos distinctos.

Um anno depois viu a luz do dia um segundo filho, João Pedro de Mendonça Córte Real, de quem foram padrinhos D. João V e a infanta D. Maria Barbara, por seu casamento princeza das Asturias, prestando o monarcha as galas e ornamentos do seu palacio, para maior luzimento da cerimonia.

A estas demonstrações de benevolencia juntou el-rei outras de não menor apreço.

Vagando a commenda de Longroiva, da ordem de Christo, e fazendo mercê d'ella a Diogo de Mendonça, permittiu-lhe que a cedesse em seu filho João Pedro, com a clausula de se empregarem os rendimentos desde 1714 em juros ou propriedades, que seriam vinculados no antigo morgado da Torre da Palma, um dos solares da familia.

Não contente ainda com estas graças, singularissimas para o tempo, determinou el-rei armar cavalleiro de Christo por suas proprias mãos ao mesmo João Pedro de Mendonça, o que se executou em setembro de 1732 no oratorio do paço, com a magnificencia que D. João V ostentava em todos os seus actos.

Estes premios, que não louvam menos o generoso espirito do soberano do que os merecimentos do vassallo, ganhou-os o secretario de estado, carregando com a responsabilidade excessiva de quasi todas as repartições, fadiga intoleravel, que nos dias de hoje, em que o bufete e a escrevaninha reinam sobre resmas de portarias, deve parecer fabula inventada pelos adultores, ou invenção de apologistas sem criterio!

As occupações do ministerio que servia Córte Real abrangiam então a secretaria de estado com todas as correspondencias e trabalhos diplomaticos, a secretaria das mercês, do expediente, e da assignatura, que abraçariam muitas das repartições de que actualmente se compõem os ministerios do reino e da justiça, e como se ainda não bastasse, accresciam os negocios da mordomia-mór, e o despacho dos cargos de monteiro-mór, e provedor das obras do paço, com outros empregos menores, que tambem expedia ao mesmo tempo.

Apesar das queixas contra a indolencia do secretario, e da natural propensão d'este para as delongas, é preciso confessar, que não era sua toda a culpa da vagarosa solução que lhe imputavam. Tantas incumbencias excediam as forças humanas! A pé sempre desde as quatro horas da manhã, aproveitava o remanso da madrugada em dispor o serviço, que haviam de executar depois os seus officiaes, e em minutar os documentos, que tanta reputação lhe alcançaram entre nós, e nas côrtes estrangeiras.

A diligencia e habilidade com que se houve nos tratados de casamento entre o principe do Brazil, D. José, e a infanta de Hespanha, D. Marianna, e entre o principe das Asturias e a infanta D. Maria Barbara, correndo com as instruccões, e assistindo ás conferencias em Lisboa, attesta que o seu zelo, quando o pedia o momento, era capaz de multiplicar-lhe os recursos, supportando sem quebra as vigalias e fadigas.

A elevação a que subiu nunca o deslumbrou. A paciencia risonha e a benignidade do trato, tornavam-o bemquisto, até dos mesmos requerentes, que as suas desculpas e delongas traziam mais arrastados. Ouvia-os com animo sereno, e respondia-lhes com imperturbavel agrado, embora a ira os tivesse feito desmedir. Muitas vezes, a um tropel de palavras asperas e imprudentes, replicava só com um dito chistoso, que proferido a tempo, emendava o erro alheio, e aplacava as iras entre risadas.

A sua probidade foi apontada como irreprehen-sível até pelos emulos e contrarios. Na hora dos grandes arrependimentos e dos maiores terrores, deixou escriptas da sua mão, e quasi na presença de Deus, estas palavras finaes, que todos os ministros deveriam meditar: «À fazenda real não devo nada, porque das duas enviaturas de Hollanda e de Hespanha dei contas, de que tenho quitações, e assim não tenho restituição alguma que fazer-lhe, nem do presente governo, nem do passado.»

Não menos escrupuloso na vida particular, sabendo por morte dos administradores de alguns morgados, de que veiu a ser herdeiro, que n'elles andavam incorporadas terras alheias, e não podendo a esse tempo separal-as, e restituil-as, pagou aos donos o preço das fazendas, satisfazendo-lhes o valor com o seu dinheiro.

É o que elle proprio nos assegura no seu testamento. Fallando de si, declara que não leva a sua alma gravada em restituição alguma, pelo horror que sempre teve ao alheio, como manifestára nas cousas reivindicadas para os morgados; pagando-se, sem figura de juizo, tudo o que os pobres lavradores haviam desembolsado, e compensando-lhes o juro do seu dinheiro com grossas sommas da sua bolsa. Este rasgo pinta o homem, e dá a medida exacta da delicadeza do seu character!

Diogo de Mendonça falleceu quasi de repente no dia 9 de maio de 1736, contando setenta e sete annos de idade. Achava-se na sua quinta de Bemfica, e passeiando sobre a madrugada, assaltou-o uma dór tão aguda e penetrante, que dentro de poucas horas lhe cortou a existencia nos braços do seu capellão.

Na vespera ainda tinha despachado com el-rei, e a sua disposição inculcava uma velhice robusta, promettendo larga duração.

Depositou-se o seu cadaver na freguezia de Nossa Senhora do Amparo do lugar de Bemfica, e ahi se lhe tributaram as honras funebres, acompanhadas de sinceras lagrimas, que derramaram os desamparados; de que fóra, e sempre foi, desinteressado protector.

Diogo de Mendonça Côrte Real era homem de gentil e magestosa presença, de elevada estatura, pouco cheio de carnes, rosto comprido, nariz aquilino, testa espaçosa, olhos azues, e tez branca e rosada. Cortezão primoroso, notava-se a promptidão e agudeza das suas respostas, e a graça e erudição das suas conversações.

O retrato que lhe tirou o flamengo Francisco Harwin, reputava-se o mais parecido e perfeito, e diz-se que existiu muito tempo na sala das conferencias particulares da academia de historia, instituida por D. João V em 8 de dezembro de 1720. Entre os cinquenta academicos de numero, com que se fundou, contavam-se Diogo de Mendonça, José da Cunha Brochado, e o padre D. Raphael Bluteau.

Assim viveu honrado, e assim acabou constricto e tranquillo de consciencia um dos maiores estadistas portuguezes do seculo XVIII. A escuridão, que ainda cobre a historia tão proxima e ignorada do longo reinado de D. João V, concorreu para quasi inteiramente serem desconhecidos o nome e os serviços de um dos seus ministros de mais fama.

Seja-nos relevada, pois, a ousadia, se levantando um canto ao véu mostramos em traços rudes tão grande vulto.

L. A. REBELLO DA SILVA.

ESTUDO LITTERARIO.

JOSÉ DA SILVA MENDES LEAL JUNIOR.

II.

Attendendo á impossibilidade de analysar n'estes limites o theatro completo do sr. Mendes Leal, de expor a idéa principal de cada uma de tantas e tão variadas composições, limitar-nos-hemos a citar algumas das que escreveu, antes de encetar a escola novissima para a qual dispunha a transicção. Sem nos ligarmos a uma ordem rigorosamente chronologica, citaremos as comedias: *O Caçador*, o *Theatro por dentro*, a *Afilhada do Barão*, satyra de immenso espirito que teve perto de cem representações, *Quem porfia mata caça*, que teve um successo e um numero de recitas excepcional e extraordinario nos nossos theatros, a *Novella para Cartas*, e o *Bombardamento de Odessa*.

Entre estas notaremos uma especialmente, o *Tio André que vem do Brasil*, censura pungente, escripta na intenção de ferir o trafico horrivel da escravatura branca, libello vehemente em que se entrelaçam algumas scenas de costumes, cujo atticismo, verberando ridiculos conhecidos, foi vivamente apreciado. As *Tres cidras do amor* é uma lenda-comedia, especie de capricho oriental salgado de riso ironico, saudado pelas platéas com applauso.

O sr. Mendes Leal tambem tentou a trágedia escrevendo primeiro *Saúl*, depois imitando o *Marino e Faliero*, de Casimir Delavigne, ensaiando o *Braço de Nero*, e por ultimo concluindo o *Viriato*, ar-rojo tragico de maior vulto, inspirado dos fraguados da velha Lusitania. Estes trabalhos de grande difficuldade e valia eram sufficientes para justificar o logar que occupa entre as vocações litterarias contemporaneas.

No drama *Pedro* symbolizou o sr. Mendes Leal a iniciação da nova escola dramatica que se applicava a introduzir. Era o passo decisivo. Era por a vida. Escrevendo-o, sentiu, soffreu com os seus personagens, e revelou-os. As idéas philosophicas e sociaes desenvolvidas depois nos *Homens de Marmore* germinam já aqui.

Não ha explicação favoravel, nem defeza para o nosso theatro, em ter até hoje privado o publico de ouvir este drama, e a imprensa de o apreciar e julgar. Prova muito pouco a favor de todos os que têm estado á frente do theatro, chamado normal.

O character de Pedro é de uma rara elevação; é o homem enobrecido pelo trabalho, e pela magnanimidade. A posição que alcança conquista-a legitimamente. Esta criação desnuda o coração de escriptor, revelando as maguas, os dissabores, as difficuldades, e a lucta porfiada e dolorosa, que tem sido talvez a sua vida, e que soffre sempre o homem, que, cedendo ás aspirações da sua alma e ás ambições da intelligencia, se apresenta isolado, sem o prestigio d'um nome recebido ou d'uma posição feita, n'este cahos chamado mundo, e n'este pelago de contradicções, que intitulam sociedade.

Pedro, occupando um logar inferior em casa do conde de S. Thiago, consultando só a sua alma, levanta olhos amorosos para a filha do amo de seu pae. A elevação do seu espirito, levou-o a olhar para cima. É natural. Era poeta: o amor despertou-lhe a inspiração; poetizou o seu idolo. Em recompensa obteve a ironia, e o desdem pungente da mulher que idolatrava. A paixão humedeceu-lhe os olhos; o orgulho seccou-lhe logo as lagrimas. Os parasitas da

sociedade, elegantes duvidosos, que só ali imperam, pelo corte da casaca, pelo nó da gravata, pelo fel dos epigrammas, e pela palestra vulgarmente espirituosa ou semsabor, almiscarada, requebrada, afrancezada, em uso nas nossas salas, vingam-se mettendo-o a ridiculo. Indignado atira-lhes a luva. Alludindo á sua posição, recusam levantar-lh'a. Curvam-se em frente do barão *parvenu*, e julgam humilhar-se cruzando a espada com um homem de bem, apesar de se ter elevado acima da domesticidade em que nascera, apesar de representar uma realza, a unica, a do talento. Embora se clama que os privilegios e os preconceitos acabaram, ha ainda muitos que sobrevivem. O conde, instruido do que se passou, expulsa Pedro de sua casa.

Vendo-se tratado assim, sangrando-lhe a um tempo o amor e o orgulho, jura elevar-se e abatel-os. Protegido por uma vontade de ferro, lança-se com ardor ao trabalho, e recebe a recompensa. Vingam-se dos homens que o ridicularisaram, salvando d'um incendio o conde e a filha que o tinham desprezado. Confunde com o seu valor os seus rivaes, tornando-os pigmeus e covardes aos olhos da mulher á roda de quem esvoaçavam. N'isto realisou metade dos seus desejos: não estão, porém, ainda completos.

O jogo, vicio fatal do conde, precipita-o successivamente na miseria, e só o trabalho da filha supre as necessidades do pae. Nada lhes resta para vender; só uma cruz que pende ao pescoço de Maria, legado de sua mãe. O conde ao vel-a, pergunta ansioso: É de ouro? Maria recorda-lhe os ultimos momentos d'aquella que a commetteu á sua guarda. Elle, tremulo e horrorizado, mas podendo mais o ardor da febre que o devora, arranca-lh'a, e volta á paixão funesta.

Conhecemos poucas situações tão dramaticas, e que assim caracterisem o poder incrível d'esse vicio horrendo. Pedro soccorre-os nobremente, occultando-se, e completa a sua missão protegendo a virtude da filha do conde. Elevado a ministro pelo poder da intelligencia, é procurado um dia no seu gabinete por Maria, que vem reclamar noticias de seu pae que desaparecera, e que a policia revela ter acabado no suicidio. É n'este traço de mestre que se completa o character de Pedro. Não solta sequer uma palavra sobre o passado, não exprime uma queixa. Em frente de tanta miseria esqueceria tudo, se não o tivera já esquecido.

Ella, vencida e subjugada, reconhece o seu erro, venera-o pelas suas palavras, acata-o pelas suas acções, e curva-se-lhe finalmente aos pés. Pedro estende-lhe sensibilizado a mão, perdôa como Deus, e, fiel ao seu primeiro e unico amor, reclama o direito de protegê-la no seu total abandono, acceitando o nome que elle soubera ganhar.

Este drama, além do effeito scenico que deve produzir, representa um livro de apreço. Sentimos que o auctor não o tenha impresso, porque illustraria qualquer bibliotheca, e podia contar que do abandono em que o theatro o sepultou, as letras e o publico o indemnisariam.

Conhecida esta producção só d'alguns amigos do sr. Mendes Leal merecia este um successo derradeiro e geral, consagrado pelo gosto e pela arte, para que ninguem ousasse duvidar d'elle, nem elle de si. Esse successo alcançou-o. O triumpho immenso, que já contava annos, foi finalmente substituido pelas bellezas muito mais notaveis d'um novo drama. D'ora ávante o auctor dos *Dous Renegados* ha-de-se chamar o auctor dos *Homens de Marmore*, producção que lhe

grangeou um maior nome ainda. Este titulo lembrará a sua melhor obra dramatica, até agora, e um dos primeiros ornamentos da nossa litteratura.

III.

Os *Homens de Marmore* é um drama da moderna escola nacional, procurado e tirado das entranhas da sociedade, com o tacto e mestria de uma vasta intelligencia, e d'um espirito superior. Todos os caracteres são verdadeiros e bem desenhados. O espectador chega a viver no drama, porque vê ali a reproducção completa do mundo em que habita, e ha momentos em que estenderia a mão ao actor, julgando vêr um dos seus conhecidos. Presente-o, mas não poderia apontal-o. É o seu principal merito. Sem ferir personalidades, reproduz os individuos do nosso tracto diario, com todos os seus vicios e torpezas, com todos os seus ridiculos e miserias, com todo o seu cynismo e depravação. Indica-os, mas não os recommenda. Lançou mão de um grupo da sociedade moderna; e rasgando-lhe as carnes sem dó, deixou-lhe nus os corações. Como o estatuario procura a belleza ou verdade physica, que pretende retratar, o sr. Mendes Leal procurou a verdade moral. A tarefa d'este é mais difficil, porque não tem diante a fórma palpavel e visivel como o outro.

O sr. Mendes Leal estudou o seu drama no grande livro do mundo, e pensou-o no gabinete. Tinha a sua idéa, e para ser completa precisava grupar-lhe em roda as idéas da sociedade. Tinha o seu pensamento, e era forçado a pensar pelos outros. Só assim o quadro podia ser verdadeiro, só assim os caracteres podiam ser verosimeis. Era uma obra quasi toda de cabeça: o que era do coração estava no fundo d'elle. Muita vez, no silencio do gabinete, identificando-se com o personagem que reproduzia, havia de travar-lhe a amargura das decepções, n'essa cópia fiel de tantos dos nossos homens. Quantas mais a penna se não arredaria do papel, duvidando da realidade do que escrevia! Infelizmente o desengano era breve, porque os exemplos sobram. No mesmo ambito em que escrevia, talvez lhe bastasse volver os olhos para a duvida desaparecer, e as provas o convencerem. Tanto é verdadeiro este nosso juizo, que para o provar lá estão aquellas scenas entre o pintor e Ignez. É ahi que o entusiasmo fallava ao coração, o coração á inspiração, a inspiração á idéa. Ahi tudo é sentido, elevado, grandioso. Ahi vê-se o poeta abraçado ás suas crenças e ás suas aspirações, entre o perfume nativo das flores da sua alma. Toda a fé, todo o sentimento religioso e puro que no coração comprimia, forçado pelo prosaico positivismo d'este nosso mundo, rebentou esplendido n'essas scenas. O intimo sentimento apparece ali como um raio fugitivo do sol, que por momentos vem dourar as vagas tremendas d'aquellas tempestades humanas. Entrando dentro no seu coração a reacção é aquella, depois do contacto frio do marmore. É o poeta, que no pedestal em que Deus o collocou, esquece por instantes o mundo para viver só do pensamento, e o pensamento do coração. Dizem que ha exagerações no estylo d'aquellas scenas! Não somos d'essa opinião. Onde ha crença ha sempre poesia. Todo o homem é poeta quando sente deveras, quando cre n'um affecto santo e puro. A mulher inspira-se tambem, quando um amor unico e verdadeiro lhe fortifica o coração. Como é raro o sentir, por isso tambem poucos comprehendem estas cousas. Não são vulgares almas essas, mas ainda as ha. São raras n'esse mundo que contemplamos, e uma das razões por-

que não as descortinamos, é porque o vicio attrahe mais que a virtude, e estendendo os olhos pela turba, encontrámo-lo em maior numero, e magnetisamos o imperio que tem sobre a nossa fraqueza. É um drama que ha de viver no futuro como uma cópia fiel da epocha actual.

A acção nasce, enlaça-se, intriga-se e desenvolve-se á vista do espectador. D. Luiz Coutinho é o fidalgo d'antiga linhagem, senhor d'um nome legitimamente conquistado, ganho á custa do seu sangue e dos seus antepassados. O orgulho, os revezes, o desejo de sustentar o esplendor de sua casa, as necessidades que a sua posição lhe tinham creado, endureceram-lhe o coração, n'uma lucta continua, e tudo calca aos pés para poder hobrear com os seus iguaes em nascimento. Escaceando-lhe todos os meios de salvação, recorre á usura, e perde para sempre o futuro de suas filhas. Para salvar as apparencias arruina-se no silencio. Não tendo já que empenhar, estando pobre, só um meio de salvação lhe resta. Um casamento vantajoso para sua filha. Desesperado, recorre a este meio, e tenta pô-lo em pratica. A desgraça, os desenganos, a desesperação, tem-no tornando rígido e quasi descrente. Nem as lagrimas, nem as supplicas, nem a dôr profunda da filha o commovem. A miseria e a ruina em perspectiva petrificaram-lhe o coração. Quando a filha cáe a seus pés abraçando-lhe os joelhos, a terrivel secura com que a levanta, dizendo-lhe «olha não manches o teu vestido» é um traço de mestre que revela completamente aquelle character. Estas palavras porém são a sua condemnação. O desastre foi temeroso para a pobre donzella, o desengano doloroso e pungente. Adormece-lhe a veneração que sentia por seu pae. Gelada pelo contacto da pedra, cede ás instancias d'aquelle, em quem suppõe o fogo da paixão, e abandona a casa paterna. D. Luiz Coutinho, ao receber a nova, sente que tem ainda coração quando este lhe rebenta no peito. Mais ferido no orgulho, que no sentimento, exclama á outra filha, que até ali tinha afastado de si, e que vê prostrada a seus pés: «Vistámo-nos de lucto: eu já não tenho filha, tu já não tens irmã.»

No segundo acto, quando vae procurar o homem que o manchou na honra, e que lhe lançou uma nodoa no brazão de sua casa, acha o castigo nas palavras que o seductor lhe deita em rosto. «Se v. ex.^a sacrificava, sendo seu pae, porque me hei de sacrificar, eu, que o não sou?» Está pobre e deshonorado. Tem o futuro de tormento e miseria. Obrigado a reformar a sua casa, e a despedir todos os seus criados, despede tambem o aio velho de suas filhas, que as viu nascer e as acalentou em seus braços. Como é singela e dolorosa aquella scena em que Manuel Maria julga uma affronta ser recompensado e despedido de casa nos dias da miseria o criado que o tinha servido nos dias do esplendor! Como são verdadeiras e naturaes aquellas palavras «julgava-me quasi da familia!» Como é espontaneo e jubiloso o grito de D. Luiz: «Oh! coração! aonde venho encontrar-te!» D'esta scena em diante tudo é dramatico. É cheia de sensibilidade a resignação e a resolução suprema da unica filha que lhe resta, e que lhe diz: «Irmãs recebemos a vida, irmãs receberemos a morte!» Este lance heroico abre os braços do pae, estremecido pela dôr, á voz do seu sangue. «Não ha coração de pedra,» exclama Ignez enlevada na sua obra: «Aquelle é de pae,» responde-lhe Fernando. N'esta phrase está plenamente justificada a transicção de D. Luiz Coutinho. É a natureza retomando os seus direitos.

Simplicio Lobo é o vulto principal do drama e a capital concepção do auctor. Domina todos os outros characteres, como domina os acontecimentos. É a molla real da acção. Todos os personagens estão no poder d'este homem que os move e os governa, e joga com elles, como se fossem polichinellos. Tem na sua mão a realza do seculo . . . o dinheiro. Em vez d'algemas de ferro, lançou-lhas de ouro, que além de prender, cega brilhando. Debaixo do tracto grosseiro, e das maneiras rudes d'aquelle homem, ha um espirito atilado, uma intelligencia subtil, e um conhecimento perfeito do mundo e dos homens. Acanhado, servil e respeitoso por calculo, parece sempre que vem implorar, quando o imploram. Curva-se para espreitar. Todos lhe obedecem e tremem d'elle: D. Luiz Coutinho, porque lhe tem todos os seus bens hypothecados, e necessita o segredo. O ministro por temer a publicação dos documentos importantes que lhe passára, sem o que nada obteria. Estevão de Moura, por uma escriptura falsa que foi parar ás mãos do seu complacente tyranno. Todas as palavras nos dialogos com estes personagens são calculadas e ferem direito o alvo. Sceptico profundo entendeu que o cynismo lhe havia de encher os cofres. Procurou e achou no seu caminho homens com estes dotes: aproveitou-os para os seus fins. A um applanou-lhe a estrada de ministro, porque o tinha estudado, e viu n'elle o homem d'estado, só cabeça, nada de coração. Governar este um dia, era elle governar. Em Estevão de Moura descobriu o moço sem consciencia, sentindo a *necessidade do superfluo*, e firmando a sua industria na procura d'um dote. Empreendedor, quiz arriscar tambem alguns capitaes n'uma hypotheca viva. Ha só uma frente que se lhe não dobra, é a do artista. Alma nobre, espirito independente, está só se curva a duas divindades: ao talento e a Deus. É este o homem que o desespera. Comprehende-se. A inteireza importuna-o, porque é uma resistencia a que não está habituado e em que não cria. Fere-o tão fundo a affronta do artista que não duvida arriscar alguns punhados de ouro para se vingar.

No 5.º acto, collocado já sobre o pedestal dourado que tantos annos tinha gasto a levantar, revela em toda a plenitude o seu verdadeiro character. Já não encolhe os hombros, ordena. Já não arrasta um— como queira — diz positivamente — quero. Ergue-se o homem d'uma vontade de ferro, de vastos designios, de malignas mas largas faculdades, e desapparece o usurario vulgar. Se não quebra a casa Swarth & Comp.^a, que futuro seria o d'este coração de pedra n'um estojo de ouro!

Estevão de Moura é o homem que desde a origem habituado á ociosidade e inhabil para as cousas uteis, nem póde já abraçar carreira honrosa. Lança mão d'uma industria. Negoceia com os amores, namora por officio e por calculo, medita o matrimonio por aluguel e a alliança por especulação... Anda atraz d'um dote como Jérôme Paturôt atraz d'uma posição social. Persuade Beatriz, a filha de D. Luiz Coutinho, a deixar com elle os lares paternos quando esta vê perdida a esperanza de abrandar seu pae, e a sua felicidade para sempre compromettida n'outra união de interesse. Os dous characteres egoistas punem-se mutuamente. Estevão de Moura julga Beatriz herdeira da casa. Quando sabe que está pobre, offerece-se a restituil-a á habitação de seu pae. Não póde ir mais longe o cynismo humano! A depravação murrou aquella alma, insensibilisou-a, e o imperio que Simplicio Lobo tem sobre elle, acaba a obra forçando-o a commetter as maiores baixezas. O escrupulo

e o pudor são para elle palavras. É quando pede a filha segunda de D. Luiz que prova o extremo atheismo moral d'aquelle caracter gasto da avidéz e da indolencia.

Na nossa opinião são estes os homens de marmore, a que o auctor deu completo desenvolvimento, e cujos typos são eminentemente verdadeiros. O do ministro acaba o quadro, mas é um retrato de que apenas se mostram contornos; a idéa e as necessidades dramaticas tolhiam desenvolvê-lo mais amplamente, para não prejudicar a acção. Este é homem de marmore, porque os calculos da politica mataram-lhe o coração; mas pela grandeza da idéa que o absorve resgata a dureza que não disfarça. O do medico é um pequeno esboço; mas n'uma unica scena, dous traços bastaram para nos mostrar o homem que todo inteiro dado a sciencia retalha impassivel as carnes sem vêr na humanidade mais que um objecto de estudo.

Fernando, Beatriz e Ignez formam o contraste d'aquellas figuras. Estes vivem todos do coração e para o coração. Beatriz perdeu-se por se alliar a uma alma perdida; mas o castigo cruel que soffre, o remorso que a dilacera, o sentimento da sua dignidade, a ruina total do seu futuro, e a dôr que a punge no erro, nobilitam-a e absolvem-a. Os artificios do especulador petrificado conduziram-a á perda; as lagrimas de sua irmã, a resignação no soffrimento regenerou-a. Ignez elevou-se, porque alliada a nma alma nobre e grande, só aprendeu a sentir por ella e como ella. O sacrificio da fortuna a sua irmã prova já a unidade d'aquelles corações, que, diante do sacrificio, competem em abnegação. Como traduz bem as santas e nobres aspirações d'aquella alma quando Ignez diz ao seu noivo: «Aqui tens, Fernando, a minha mão. Vê-a! Não vae calçada d'ouro, leva-te amor que inflamma, e não metal que esfria.» Fernando é o artista cheio de entusiasmo, de vida e d'esperanças. Crê no amor, na amizade e em Deus. Tem uma segunda religião... a arte, e cresce-lhe o talento e a inspiração á sombra d'um affecto santo, de um amor sem limite. Na arte vê as suas esperanças... no amor o seu futuro. As primeiras espera-as de Deus... o segundo da mulher da sua escolha. Vê realisado o seu sonho, porque nunca lhe faltou a fé. A este tinha-o o céu dotado, e os homens não conseguiram desherdalo-o. Em quanto o esplendor e o fausto brilham em casa de D. Luiz Coutinho, é reservado, e foge da turba; entra ali a desgraça, aproxima-se, quando vê fugirem os outros. É o astro consolador das nou-tes tempestuosas. Em frente do quadro da insensibilidade e depravação levantam-se em relevo as puras crenças e os nobres sentimentos.

O drama além de satisfazer completamente a parte litteraria e a idéa philosophica, possui situações extremamente dramaticas. É cheio de interesse, de vida e de movimento. Desperta as lagrimas e os sorrisos, commove e recreia.

A nosso vêr o sr. Mendes Leal n'este drama quiz provar que não ha insensibilidade absoluta n'este mundo; que todo o homem tem sempre um lado vulneravel: com elle existem as paixões, e se uma d'ellas é tão forte que absorve e extingue todas as outras, no momento que lhe ferirem essa, sentiu. Prova-o em D. Luiz Coutinho quando o mergulha na miseria e não pôde sustentar nem sequer o luxo aparente; era o orgulho a sua paixão. Em Simplicio, Lobo aniquilando-lhe a fortuna d'um golpe; a sua paixão era o ouro. Em Estevão de Moura, tirando-lhe o acesso nas casas em que podia procurar uma

alliança vantajosa; matou-lhe a industria. No ministro, vergando aquella intelligencia que se julgava superior á sordidez do seu crédor; este vivia de soberba. As palavras com que finalisa o drama firmam-nos na nossa opinião: «A estatua com ser de pedra não resiste ao raio!»

(Continúa.)

E. BIERSTER.

ABERTURA DO ISTHMO DE SUEZ (1).

I.

O Mediterraneo foi sempre o theatro mais importante dos actos politicos do mundo: abstrahindo da qualidade, que lhe é commum com todos os mares interiores, de offerecer aos poyos frequentes occasiões de contacto, e por consequencia de conflicto, o Mediterraneo, pela sua posição no meio de tres partes do mundo, pelas numerosas ilhas que encerra, pelas vastas peninsulas que se prolongam por suas aguas, pela quantidade e circumstancias de seus portos, pelos potentes e ricos estados, cujas costas banha, apresenta uma combinação de elementos politicos e commerciaes, que não se encontram reunidos em igual grau n'outra qualquer parte do globo. Tendo uma posição de alguma valia no Mediterraneo, qualquer estado adquire logo pezo na balança dos poderes europeus. Supponde a Grecia collocada no Danubio, a Europa cuidaria tanto d'ella como trata da Servia e da Bosnia, nem mais nem menos. Se, ao contrario, a Russia tomasse no Mediterraneo uma posição maritima importante, evidentemente duplicaria a sua influencia; e a guerra actual tem por objecto, em grande parte, remover o perigo em que por semelhante posição intorreriam os interesses e as liberdades do occidente.

Sobre o Mediterraneo foi disputado o imperio do mundo entre gregos e persas, entre carthaginezes e romanos, entre Augusto e Marco Antonio; e talvez que Roma e a Grecia tivessem resistido melhor aos barbaros e aos macedonios se com maior cuidado houvessem conservado as muralhas de madeira (os navios) que o oraculo aconselhava aos athenienses que oppozessem ás hostes de Xerxes.

O descobrimento do cabo de Boa Esperança, o da America, a tomada de Constantinopla pelos turcos, a pirataria impunemente praticada pelos estados berberescos, fizeram desaparecer por longo tempo essa importancia do Mediterraneo. As gloriosas republicas italianas, Pisa, Genova e Veneza sustentavam-se a custo: a batalha de Lepanto destruiu as forças maritimas da Turquia; porém a Hespanha, aviltada pela inquisição, corrompida pelo ouro das Indias, exhausta pelas guerras politico-religiosas que excitava e mantinha na Europa, era incapaz de tomar aquella preponderancia no Mediterraneo, que outr'ora havia sido reputada como o imperio do orbe.

A revolução franceza, reanimando a vida politica das nações, e fazendo predominar os interesses populares sobre os interesses das dynastias, restituiu ao Mediterraneo toda a sua importancia politica, senão a commercial. Politicamente considerada a expedição contra o Egypto foi um grande erro, mas,

(1) No v. 3.º da 1.ª serie do Panorama (anno de 1839) de pag. 361 a 365, e n'outro artigo com a vista de Suez a pag. 225 do 1.º vol. da 2.ª serie (anno de 1842) achar-se-hão curiosas noticias do mar Roxo ou Vermelho, e da navegação que por elle se faz da India para a Europa. Quanto á communicação entre o mesmo mar e o Mediterraneo consultará o estudioso os auctores que vão citados no fim do presente artigo.

contudo, teve a vantagem de provar aos menos perspicazes que o Mediterraneo tornaria a ser a grande via commercial das Indias e de todo o oriente. D'ahi a dezeseis annos a Inglaterra completou a demonstração ficando com a ilha de Malta e na posse mais antiga de Gibraltar, accrescentando o archipelago das Jonias áquellas duas importantes estações militares e maritimas.

O directorio havia imaginado colher para a França a honra e proveito de dar nova direcção ao commercio da India fazendo-o correr pelos antigos canaes que lhe tinham aberto os phenicios, os gregos e os romanos, e depois os venezianos, os genoveses, os pisanos, os florentinos, e as cidades hanseatias. Este projecto, submettido aos homens competentes d'essa epocha, foi julgado digno da republica, adequado aos seus meios e necessario á sua prosperidade. O directorio comprovava assim a capacidade que manifestára adquirindo as ilhas venezianas e proporcionando á França abrir de novo as portas do oriente situadas no mar Roxo e no golpho persico. Renovavam-se assim as tradições da antiga politica franceza.

Colbert havia concebido o plano de ligar estreitamente o commercio do oriente ao Egypto, e fazer passar por este caminho as fazendas que a companhia das Indias recebia pelo oceano, e que deveriam desembarcar em Suez, ser d'ali conduzidas em caravanas e em camellos até o Cairo, levadas pelo Nilo a Alexandria, e transportadas a Marselha. O consul francez no Egypto fôra encarregado de tratar este negocio com o pachá, e offerecer-lhe dous por cento sobre todas as mercadorias que passassem de Suez a Alexandria; obrigava-se além d'isso a obter a auctorisacão do sultão: o pachá acceitou o tratado, pediu-se a auctorisacão; mas sobrevieram difficuldades que fizeram abandonar o projecto de Colbert. Lançando mão d'elle, o directorio augmentou-o.

Os engenheiros da expedição do Egypto receberam ordem de examinar se seria possivel cortar o isthmo que separa o Mediterraneo do mar Vermelho; os antigos pensavam que o nivel d'este era mais alto que o do Mediterraneo; ignoram-se as provas que adduziam em apoio de sua opinião, hoje reconhecida como inteiramente falsa, e que todavia os engenheiros da expedição adoptaram; pelos seus nivelamentos, feitos em 1799, a differença de nivel era no maximo 9^m90 e termo medio 8^m46; estas operações erradas deram em resultado embulhar-se a questão, e gerarem-se projectos chimericos.

Afóra isso, não tardou que se intromettessem no assumpto as paixões politicas; clamou-se que o exito d'esta grandiosa empreza seria o penhor seguro da decadencia de Inglaterra. Bonaparte dizia publicamente: «Não dista muito o tempo em que havemos de reconhecer que para destruir deveras a Inglaterra é mister que nos apossemos do Egypto.» E o directorio, nas instrucções de 12 de abril de 1798, exprimia-se por estes termos: «O general em chefe do exercito do oriente fará cortar o isthmo de Suez, e tomará todas as medidas necessarias para assegurar á republica franceza a livre e exclusiva posse do mar Roxo. Expulsará os inglezes de todos os dominios do oriente onde puder chegar, e com especialidade lhes destruirá todas as feitorias no mar Roxo.

Facil é de perceber que com semelhantes disposições não havia de realisar-se um projecto essencialmente pacifico, ainda mesmo suppondo que tivesse exito vantajoso a expedição ao Egypto.

Hoje a questão apresenta-se sob novo aspecto: to-

das as objecções desvaneceram-se. Em primeiro lugar, o tempo extinguiu essas preocupações deploraveis, que por muito tempo foram consideradas como espirito nacional, e que representavam dous grandes povos como inimigos natos e irreconciliaveis. A experiencia a final ensinou á França e á Inglaterra que é de mais são juizo e boa politica combinarem os seus interesses, os seus esforços e recursos, do que arruinarem-se mutuamente fazendo uma á outra, por mar e por terra, o maior mal possivel. Em segundo lugar operações executadas por diversas vezes demonstraram o erro dos antigos, renovado pelos engenheiros da expedição ao Egypto; o nivel da baixamar é o mesmo nos dous mares que o rompimento da isthmo deve pôr em communicacão, e nas grandes marés o nivel do mar Roxo é até inferior ao do Mediterraneo. Não ha, pois, senão metter mãos á obra, e o negocio da *Companhia universal do canal maritimo de Suez* parece estar bem asegurado.

O vice-rei do Egypto tinha a escolher entre dous traçados; o directo, que corta o isthmo quasi em linha recta, do sul ao norte, de Suez a Pelusa, e o traçado indirecto, que partindo de Suez, chega ao Nilo, e vae dar a Alexandria tendo atravessado uma grande parte do Egypto.

«Não sou juiz mui competente, (escreve mr. A. Peyrat, que redigiu estas notas) mas parece-me impossivel que se leiam a exposiçào e os documentos que publicou mr. Ferdinand de Lesseps sem ficar com a convicção de que o traçado directo é o mais curto, mais naturalmente indicado pela qualidade dos terrenos, mais facil de executar, e que ha de dar mais excellentes resultados. Tal foi a opinião de Said-pachá, que, na conformidade do relatorio de dous engenheiros de grande merecimento estabelecidos no Egypto ha vinte annos, fez expedir um firman, depois de o haver communicado aos consules geraes das potencias estrangeiras, que confere a mr. de Lesseps o direito de fundar uma companhia que tenha por objecto a perfuracão ou corte do isthmo de Suez e a exploraçào do canal respectivo.

Estamos a ponto de ver a soluçào do problema que se ventila ha tres mil annos, e que occupou os mais sublimes engenheiros e mais poderosos soberanos, desde Sesostris até Napoleão. Parece ter a natureza destinado o Egypto para servir de escala ás mercadorias da Europa, da Asia, e da Africa, ser a corretora de suas trocas; e a abertura das antigas derrotas da India tem especial importancia agora que todas as potencias, levadas de um influxo irresistivel, buscam em o commercio a base da força e da prosperidade dos estados. Said-pachá apreciou mui bem a universal utilidade da nova via de communicacão resolvendo que fosse dominio commum de todos os povos, e chamando todos os capitaes a tomarem parte na gloria e nos lucros da empreza.

Esses lucros são incalculaveis, e ainda mesmo considerando só no resultado material pôde dizer-se que nunca se offereceu ao genio do homem uma obra de mais attractivo. Calculos moderados e de certo incompletos orçam o movimento commercial entre a India e os principaes portos da Europa em dous milhões de toneladas e dous milhares de milhões de francos, repartidos sómente entre a Inglaterra, a França, a Hollanda, a península hispanica e os portos hanseaticos. Este movimento effectua-se actualmente pelo cabo de Boa Esperança, ao longo da costa d'Africa, navegaçào interminavel, dispendiosa, semeada de perigos de toda a casta. O canal maritimo de Suez abreviará as distancias, em metade para os

portos do oceano, e em dous terços para os do Mediterraneo. A economia de tempo e de capitães, resultado infallível da rapidez das expedições, diminuirá os preços do café, assucar, algodões, sedas e chá da India e da China. Adicionem-se a todas estas vantagens os recursos do vapor e da electricidade, e considere-se em que proporções se podem desenvolver as transacções commerciaes e o espirito empreendedor dos povos da Europa!

Que facilidade d'ora ávante para explorar em toda a sua immensa extensão as ilhas da Sonda, a Australia, a Africa oriental, as cinco mil leguas de costa que orlam a bacia occidental do mar das Indias, o mar Roxo, o golpho de Oman, o golpho persico, a Arabia, a Abyssinia; para abrir ao commercio europeu a China e o Japão; para colonisar a Malasia e a Oceania! É um mundo novo patente á actividade da Europa, um futuro sem limites. Portanto, os resultados lucrativos da empreza, por mui consideraveis que se presumam, não são mais do que a lado secundario da questão, não são nada se os compararmos com as consequencias que a abertura do canal deve produzir para a civilisação do mundo.

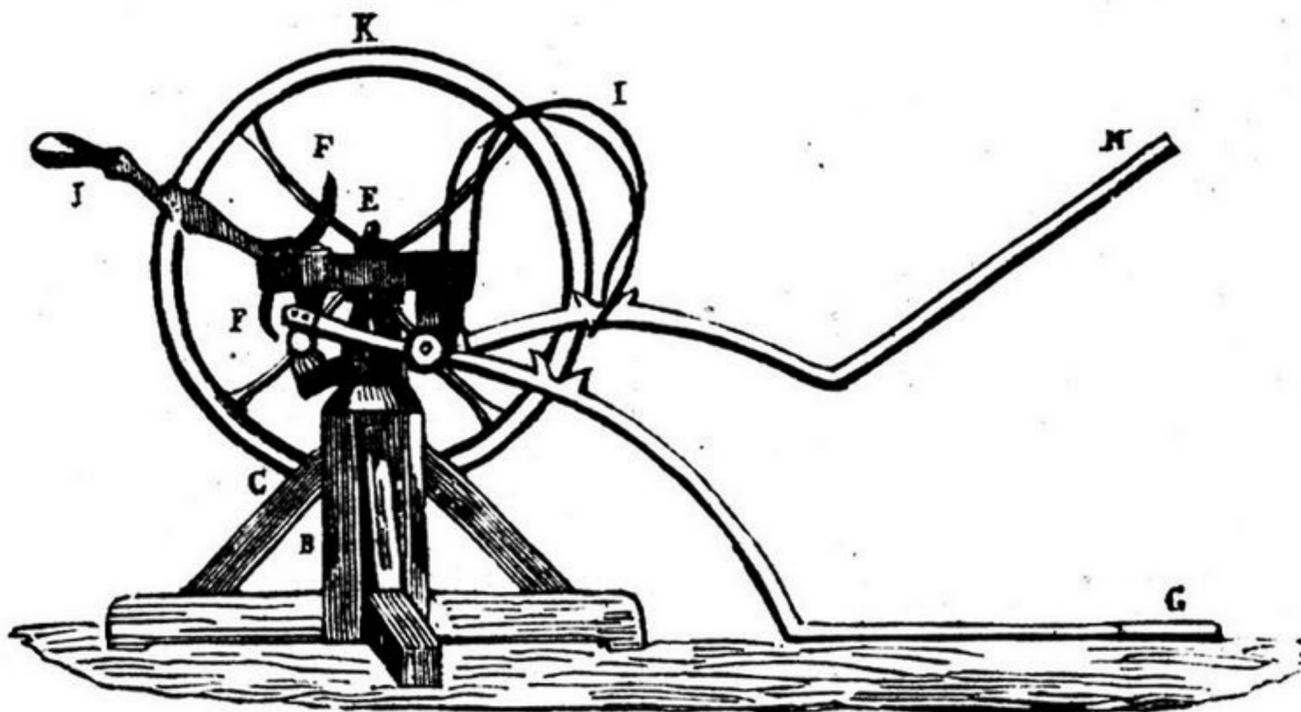
Não pretendemos recompor a longa historia d'este canal, por onde os egypcios deram a primeira idéa

dos recursos que um povo commerciante pôde crear, e das vastas especulações com que pôde assombrar o mundo; tão pouco queremos expôr os fundamentos scientificos, que provam a facilidade da execução de tamanha empreza.

Os que desejarem conhecer pelo miúdo e a fundo tudo o que diz respeito á descripção, natureza e formação do isthmo, historia das diversas tentativas feitas para canalisa-lo, vestigios do antigo canal, niveis relativos dos dous mares, projectos modernos, estudos a que deram logar e objecções que suscitaram, podem consultar com fructo os escriptos de D'Anville, (1) de MM. Richard e de Rozières, (2) de M. Delpuéch, (3) a obra recente de M. de Lesseps, (4) e os notaveis artigos publicados por MM. Paulin Talabot e Baude na *Revue des Deux-Mondes*.

Quem ler estes trabalhos tão interessantes e instructivos ficará convencido de que o commercio e a industria devem cedo ou tarde resolver pacificamente a maior parte das questões que os governos debalde procuram decidir pela força; e é isso o que justamente dá á canalisação do isthmo um caracter de utilidade universal; é por isso que ella é igualmente interessante para todas as nações civilisadas.

...



DEBULHADOR MECHANICO.

A idéa de substituir o mangual ordinario não é nova; porque ha mais de sessenta annos se tentou construir um apparelho, que preenchia, posto que imperfeitamente, o fim que se pretende agora alcançar com o debulhador mechanico.

Depois d'aquella primeira tentativa appareceu a famosa machina de Marolles, movida por varios cavallos. Mas estas machinas não preenchiam exactamente o fim requerido, e exigiam enormes despesas de custeamento, como bem pôde suppor-se.

O debulhador de Cambronne Ravin de Santo Quintino, apresentado na exposiçãõ universal de Paris, parece porém ter resolvido favoravelmente o problema, que se propunha. Differe esta machina das suas antecessoras por diversas combinações que é impossivel perceber não a vendo funcionar; nem basta a simples inspecção de uma gravura, por mais perfeita que seja.

Para trabalhar com o debulhador são sufficientes dous homens, estando de tal sorte combinadas as respectivas funcções que se não cansam, nem pertur-

bam. Calcula-se que o debulhador mechanico poderá debulhar em cada cinco minutos um feixe de trigo ou qualquer outro cereal, pezando 20 arrateis, pouco mais ou menos.

(1) Memoires sur l'Égypte ancienne et moderne.

(2) Description de l'Égypte.

(3) Considerations sur la possibilité, l'intérêt et les moyens qu'aurait la France de rouvrir l'ancienne route du commerce de l'Inde.

(4) Percement de l'Isthme de Suez. Exposé et documents officiels par M. Ferdinand de Lesseps, ministro plenipotenciario de França junto ao vice-rei do Egypto.

Para conhecimento dos senhores assignantes do *Panorama* em Coimbra, previne o editor de que o seu correspondente n'aquella cidade fica sendo d'ora ávante o sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes, administrador da typographia da Universidade.